



EVANGELHO SEM CONFINS

*Um tempo de oração
a caminho com os jovens
no Ano da Vida Consagrada*

Missionários de São Carlos - Scalabrinianos
Direção Geral

EVANGELHO SEM CONFINS

*Um tempo de oração
a caminho com os jovens
no Ano da Vida Consagrada*



Como utilizar este subsídio

O subsídio foi pensado como uma espécie de “esquema”, que possa ser personalizado nos vários lugares onde se encontram os missionários e, em particular, dirige-se aos jovens a caminho. O percurso de oração, estruturado em 5 partes, poderia ser utilizado na semana que precede a festa da Candelária e personalizado na escolha do texto bíblico, eventualmente inserindo o Evangelho do dia no lugar do texto proposto, ou então um dos Evangelhos sobre o chamado. No apêndice 1 sugere-se dois textos extraídos dos escritos de *Dom Scalabrini*, que podem substituir aquele propostos.

A escolha de um texto extraído da carta aos consagrados, escrita pelo *Papa Francisco*, poderia concluir a oração cotidiana. Nesse propósito, foram evidenciadas algumas partes significativas da carta, que se encontra integralmente no apêndice 2, para consertir uma escolha rápida e focalizada.

As intenções vocacionais, pensadas para as invocações da liturgia das laudes e das vésperas, podem também ser inseridas na oração cotidiana, ou substituir as invocações propostas.

A adoração eucarística e a vigília vocacional, pensadas no decorrer de uma semana vocacional ou de uma convocação para um fim-se-semana com os jovens, podem ser utilizadas também separadamente. A adoração, centralizada sobre o Evangelho da multiplicação dos pães e dos peixes, foi estudada para a participação de mais vozes. A vigília vocacional, que gira em torno do texto de *Isaías 43*, contém no seu conjunto um testemunho do *Pe. Tracísio Rubin*, missionário scalabriniano na Argentina. A este particular e tocante testemunho, podem ser acrescentadas outras vozes, mais vizinhas à realidade local.

Índice

Caminho de oração	p. 6
Adoração eucarística	p. 16
Vigília vocacional	p. 25
Intenções vocacionais	p. 32
Oração para as vocações	p. 34
Apêndice 1 – Textos dos escritos de <i>Dom Scalabrini</i>	p. 35
Apêndice 2 – Carta apostólica do <i>Papa Francisco</i>	p. 37

1 INICIAMOS O CAMINHO

DIRIGENTE: A Igreja é chamada a anunciar ao homem a possibilidade de retornar à sua verdadeira fonte: é esta a vocação de cada batizado. A Missão universal da Igreja desvela o sentido autêntico do caminho da humanidade. No tempo e na história: o retorno a Cristo de toda a realidade.



CANTO



A PALAVRA DE HOJE: “Assim, todos saberão que vós sois meus discípulos, se amardes uns aos outros” (Gv 13, 35)

A VOZ DE SCALABRINI

Em meio às gravíssimas provações, a que hoje está submetida a Igreja, entre as tempestades ainda mais graves que a ameaçam, é belo contemplar a calma, a inquebrantável calma, em meio à qual ela continua sua obra civilizadora no mundo!...

Segura de si e com o auxílio que vem do alto, ela, do pacífico exército dos seus soldados, quase cada dia destaca alguns batalhões, escolhidos entre os mais corajosos, e os envia aos quatro cantos da terra. Lança-os nas praias mais remotas, além dos mares, além de imensos desertos, mais espantosos que os mares, para infundir nos novos a fé, para conservá-la e aumentá-la naqueles que já a possuem, para salvar as almas.



[Discurso aos Missionários que partiam, 1888, em: UMA VOZ ATUAL, V parte]

INVOCAÇÕES

Peçamos a Deus para acolher as nossas esperanças, medos, alegrias e sofrimentos, a favor daqueles que, testemunhando o Evangelho, vivem em situações de dor.

*Acada invocação repetimos:
Senhor, acolhe a nosa oração!*

Por aqueles que são desprezados
Por aqueles que ninguém escuta
Por aqueles que são perseguidos
Por aqueles que são oprimidos
Por aqueles são escarnecidos
Por aqueles são caluniados
Por aqueles que são esquecidos
Por aqueles que são encarcerados
Por aqueles que são torturados
Por aqueles que são mortos

PAI NOSSO



CANTO

2

A VOCAÇÃO

DIRIGENTE: Cristo chama, justifica, santifica e envia os seus discípulos a anunciar o Reino de Deus, para que todas as nações se tornem Povo de Deus. É somente em tal missão que se compreende legítima o verdadeiro caminho da humanidade. A missão universal deve tornar-se uma constante na vida da Igreja.



CANTO



A PALAVRA DE HOJE: “*Considerai, irmãos, a vossa vocação*” (1 Cor 1, 26a)

A VOZ DE SCALABRINI

Aguardam-vos, eu sei, imensas fadigas, não poucos perigos, muitas contradições, lutas e sacrifícios contínuos, mas, é isto que vos deve fortalecer o trabalho que abraçais. Isto que deve acrescentar energia ao vosso espírito. O vosso conforto, a vossa guia, a vossa mais certa defesa esteja na Cruz, que vos entreguei: a Cruz, que no dizer de Crisóstomo é a luz dos humildes, o sustento dos fracos, a árvore da vida, a chave do céu, o sinal da vitória, o terror de satanás, a força de Deus. Com esta espada em punho, vancereis.



[Discurso aos Missionários que partiam, 1888, em: *UMA VOZ ATUAL*, V parte]

INVOCAÇÕES

A Jesus, resposta obediente do Filho ao chamado do Pai, elevemos nossa oração:

*Acada invocação repetimos:
Sustenta o nosso chamado!*

Senhor, que despertas em nós a saudade do Pai
Senhor, que nos fazes partícipes do Teu Amor pela humanidade
Senhor, que reunis todas as nações em um único Povo
Senhor, que desejas a salvação de todos os homens
Senhor, que doas à Igreja tantas vocações
Senhor, que ao jovem rico fizeste a proposta de seguir-te
Senhor, que assistis os Pastores da tua Igreja
Senhor, que inspiras corações generosos e disponíveis para a missão
Senhor, que convidas cada um ao serviço com os irmãos
Senhor, que nos fazes testemunhas do Teu Evangelho
Senhor, que jamais deixas só quem se consara a Ti
Senhor, que pelo batismo nos santificas e nos envias
Senhor, que nos dás os sacramentos para o nosso caminho
Senhor, que estás presente com os missionários em todos os povos
Senhor, reunis os débeis e últimos da Terra

PAI NOSSO



CANTO

3

A RESPONSABILIDADE

DIRIGENTE: A Igreja universal, sem confins e sem fronteiras, sente-se responsável pelo anúncio do Evangelho frente a todos os povos (*cfr. Evangelii nuntiandi, 53*). Semente de esperança para as vocações, a Igreja deve continuar o serviço de Cristo ao mundo. A missão da Igreja, por isso, è a de chama todos os povos à salvação esperada por Deus através do seu Filho. É necessário renova o empenho de anunciar o Evangelho, que é fermento de liberdade e de progresso, de fraternidade, de unidade e de paz (*cfr. Ad gentes, 8*). Está em jogo a salvação eterna das pessoas, o fim e cumprimento mesmo da história humana e do universo.



CANTO



A PALAVRA DE HOJE: “*Para mim, de fato, anunciar o Evangelho não é motivo de glória, mas um dever*” (1 Cor 9, 16a)

A VOZ DE SCALABRINI

O que se requer para que o sarmento produza fruto? Que permaneça unido à videira. Ora, a videira é Jesus e os sarmentos, ó queridos, sois vós. Eu sou a videira, vós os sarmentos. Ele mesmo o disse. Portanto, enquanto permanecerdes n’Ele, vos sentireis repletos de energia sobre-humana e o fruto que trareis será abundante e duradouro. Tudo vos será fácil, também diante das mais graves contradições. Ao contrário, separados d’Ele,



vos tomareis como corpo sem alma, estéreis de toda boa obra.
Sereis como ramos, aptos só para serem jogados ao fogo.
*[Aos missionários para os italianos nas Américas, Placência 1892, pp. 4-5,
em: UMA VOZ ATUAL, V parte].*

INVOCAÇÕES

A responsabilidade do anúncio missionário é de cada batizado, mas o protagonista absoluto è o Espírito Santo, ao qual dirigir-se para o bom êxito da nossa missão.

Vinde, Espírito Santo,
vinde e enviai-nos do Céu
um raio da Vossa Luz.
Vinde, ó Pai dos pobres,
vinde, autor de todos os dons,
vinde, Luz dos corações.

Consolador supremo,
doce hóspede da alma,
suave refrigério.
Repouso no trabalho,
brandura no ardor,
consolo no pranto.

Ó Luz Beatíssima,
enchei até ao íntimo,
o coração dos Vossos fiéis.

Sem o Vosso poder,
nada existe no homem.
E nada há que seja puro.

Lavai toda a mancha,
regai toda a aridez,
saraí toda a ferida.
Abrandai o que é rígido,
aquecei o que é frígido,
e encaminhai os desviados.

Dai aos fiéis,
que em Vós confiam,
os sete Dons Sagrados,
dai-lhes o mérito da virtude,
a perseverança final
e o gozo eterno.

PAI NOSSO



CANTO

4

A CARIDADE

DIRIGENTE: A Igreja busca transformar o mundo com a proclamação do Evangelho do amor, “che ilumina sempre de novo um mundo escuro e nos dá a coragem de viver e de agir e... neste modo de fazer entrar a luz de Deus no mundo” (*Deus caritas est*, 39). É importante dar um sinal credível de comunhão entre as Igrejas, com todo tipo de ajuda, specialmente na fase de crise que está atravessando a humanidade, para colocar as jovens Igrejas locais em condições de iluminar os povos com o Evangelho da caridade.



CANTO



A PAALAVRA DE HOJE: “*Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus*” (Mt 5,9).

A VOZ DE SCALABRINI

É Jesus, nosso Redentor, nosso Mestre, nosso Advogado, nosso Modelo, nosso Médico, nosso Chefe, nosso Companheiro, nosso Irmão, nosso Amigo, nosso Conforto, nosso Abrigo, nossa Glória, nossa Alegria, nossa Grandeza. Ele é o Pontífice da nova Aliança, o Sacerdote Eterno, o Mediador, entre Deus e os homens, a vítima pelos nossos pecados, a nossa real e única felicidade. Ele é a porta, pela qual entramos em seu reino, a Pedra angular e o fundamento sobre o qual o edifício espiritual deve ser assentado. É o pão de nossas almas, o Autor e o



consumador da nossa Fé, nosso Prêmio, nossa Coroa, nossa Vida, nosso Tudo.

[*Carta Pastoral (...) para a Santa Quaresma de 1878, Placência, em: UMA VOZ ATUAL, I parte*].

INVOCAÇÕES

Não existe anúncio sem caridade, sem parilhar a necessidade do irmão, sem uma inifita capacidade de amar:

*Acada invocação repetimos:
Dá-nos um coração grande!*

Senhor, que nos amas um a um
Senhor, que oferecete a Ti mesmo por nós
Senhor, que nos dá Tua Mãe
Senhor, que te fizeste servo por nós
Senhor, que lavas os pés aos teus discípulos
Senhor, que convidas ao serviço
Senhor, que sois inifita misericórdia
Senhor, que nos pedes para amor os nossos inimigos
Senhor, que nos pedes de sempre perdoar
Senhor, que querce que abeçoemos quem nos amaldiçoa
Senhor, que compreenes as nossas fraquezas
Senhor, que querce a salvação do mundo
Senhor, que na Igreja continuas a missão do Pai
Senhor, que na Eucaristia nos ofereces o Modelo de Amor
Senhor, que iluminas o mundo com o Teu amor
Senhor, que fizeste da crus o instrumento do Amor
Senhor, que fizes da missão o anúncio do Teu Amor

PAI NOSSO



CANTO

5

O AGRADECIMENTO

DIRIGENTE: A dispersão, a multiplicidade, o conflito, a inimidade serão pacificadas e reconciliadas mediante o sangue da Cruz, e reconduzidas à unidade. O novo início já começou com a ressurreição e exaltação de Cristo, que atrai todas as coisas a si, as renova, torna-as partícipes da eterna alegria de Deus. O futuro da nova criação brilha no nosso mundo e acende, mesmo se entre conradições e sofrimentos, a esperança de vida nova. A missão da Igreja é a de contagiar de esperança todos os povos.



CANTO



A PALAVRA DE HOJE: *“Eu te agradeço porque me ouviste, e foste a minha salvação”* (Sal 117, 21)

A VOZ DE SCALABRINI

É a Ele, é a Jesus que devemos todos os bens que recebemos de Deus: natureza, graça e glória. É n’Ele, é em Jesus, que somos guardados, se Deus nos conserva, nos sustenta, nos defende, se não nos castiga, como merecemos, se continua a nos suportar e nos esperar. É de Jesus que recebemos as luzes, os conselhos, as inspirações, os bons pensamentos, os desejos piedosos. De Jesus, a coragem nos perigos, a força nas tentações, os sofrimentos nas dores, a paciência nas adversidades, a perseverança no bem, “enriquecei-vos de tudo, em Cristo” (1Cor 1). Sim, em Jesus temos tudo, com Jesus podemos tudo, com Jesus tudo esperamos, tudo obtemos de



Jesus, porque foi Jesus que quis humilhar-se, por nós, sacrificar-se, por nós, fazer-se tudo, para nós.

[Carta Pastoral (...) para a Santa Quaresma de 1878, Placência, em: UMA VOZ ATUAL, I parte]

INVOCAÇÕES

Elaborando uma oração que o Papa João Paulo II escreveu em 1996, expressemos a nossa inífinita gratidão ao Senhor, pelo dom da vida:

Acada invocação repetimos:

Nós te agradecemos!

Te adoramos e Te bendizemos, ó Deus
Te proclamamos Pai e Senhor da Vida
Criador de cada forma de vida
Te reconhecemos ó Trindade Santíssima
Ventre e início da nossa vocação
Tu, Pai, desde a eternidade pensaste em nós
Tu, Pai nos quizeste e amaste
Tu, Filho, nos escolheste e chamaste
Tu, Espírito Santo, nos deste os Teus dons
Consagraste-nos com a Tua santa unção
Tu, Senhor do tempo e da história
Vem, ó Espírito Criador
Toda a Terra de adora
Com Tua Mãe, Maria
Com ela que em João nos acolheu sob a cruz
Permanece sempre junto a nós para nos guiar

PAI NOSSO



CANTO

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA



SOMOS TODOS MIGRANTES

[O espaço litúrgico permanece em penumbra, podendo ser iluminado por algumas lâmpadas colocadas sobre o presbitério, junto a uma imagem do rosto de Cristo. Junto às lâmpadas, malas, sacolas e outros símbolos da migração]



CANTO:

Saudação e introdução



CANTO DE EXPOSIÇÃO:

Exposição do Santíssimo Sacramento

Ladainha a Jesus

*A cada invocação repetimos juntos:
Meu Senhor e meu Deus!*

Tu és uma coisa só com o Pai
Tu saíste do Pai e vieste ao mundo
Tu nos fazes conhecer o Pai
Tu és a verdade que não muda
Tu és o Bom Pastor que dá a vida por suas ovelhas
Tu viste trazer o fogo à terra
Tu viste buscar e salva o que estava perdido
Tu és o pão que dá vida ao mundo

Oração bíblica

1 Coro: Então todos os povos da terra saberão que o Senhor é Deus e que não existem outros (1 Re 8, 60)

2 Coro: Todos os povos da terra conhecem o teu nome (2 Cr 6, 33)

Todos: “Louvem-te os povos, ó Deus, te louvem todos os povos”

1 Coro: O Senhor dos exércitos preparará para todos os povos, sobre este monte, um banquete de carnes gordas, um banquete de vinhos finos, de carnes suculentas e de vinhos refinados (Is 25, 6-7)

2 Coro: Todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus (Is 52, 10)

Todos: “Louvem-te os povos, ó Deus, te louvem todos os povos”

1 Coro: Eu os conduzirei sobre meu monte santo, eu os farei felizes na minha casa de oração; os seus holocaustos e sacrifícios serão aceitos com agrado no meu altar, porque a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos” (Is 56, 7)

2 Coro: Como a terra produz a vegetação e como o jardim faz germinar as sementes, assim o Senhor Deus fará germinar a justiça e o louvor diante de todos os povos (Is 61, 11)

Todos: “Louvem-te os povos, ó Deus, te louvem todos os povos”

1 Coro: Todos os povos, nações e línguas o servirão; o seu poder è um poder eterno, que jamais conhece o caso, e o seu Reino jamais será destruído (Daniele 7, 14)

2 Coro: *Vou purificar os lábios dos povos, para que todos posam invocar o nome do Senhor e servir a Ele de comum acordo. A oferta, os meus adoradores vão trazê-la do outro lado da Etiopia (Sof 3, 9-10)*

Todos: “Louvem-te os povos, ó Deus, te louvem todos os povos”

1 Coro: Aproximai-vos do Senhor, a pedra viva rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus. Do mesmo modo, vocês também, como pedras vivas, vão entrando na construção do templo espiritual, e formando um sacerdócio santo, destinado a oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus, por meio de Jesus Cristo (1 Pt 2, 4-6)

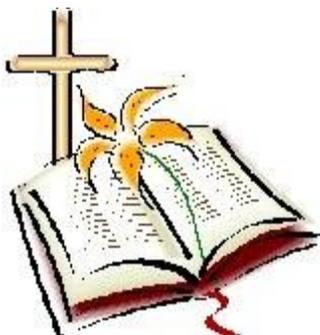
2 Coro: *Vós sois o campo de Deus, o edifício de Deus (1 Cor 3, 9)*

Todos: “Louvem-te os povos, ó Deus, te louvem todos os povos”

1 Coro: Assim pois vós não sois mais estrangeiros nem hóspedes, mas sois concidadãos dos santos e familiares de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo como pedra angular o próprio Jesus Cristo (Ef 2, 17)

2 Coro: *Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, descer do céu, de Deus, pronta como uma esposa adornada para o seu esposo. Então ouvi uma voz potente que saía do trono: Ele morará entre eles eles serão o seu povo e Ele será o “Deus com eles” (Ap 21, 2-3)*

Todos: “Louvem-te os povos, ó Deus, te louvem todos os povos”



Eangelho segundo São João

(6, 1-12)

Depois disso, Jesus foi para a outra margem do mar da Galileia, também chamado Tiberíades. Uma grande multidão seguia Jesus porque as pessoas viram os sinais que ele fazia, curando os doentes. Jesus subiu a montanha e sentou-se aí com os seus discípulos. Estava próxima a Páscoa, festa dos Judeus. Jesus ergue os olhos e viu uma grande multidão que vinha ao seu encontro. Então Jesus disse a Filipe: “Onde vamos comprar pão para eles comerem?” Jesus falou assim para testar Filipe, pois sabia muito bem o que ia fazer. Filipe respondeu: “Nem meio ano de salário bastaria para dar um pedaço para cada um”. Um discípulo de Jesus, André, o irmão de Simão Pedro, disse: “Aqui há um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas o que é isso para tanta gente?” Então Jesus disse: “Falem para o povo sentar”. Havia muita grama nesse lugar e todos sentaram. Estavam aí cinco mil pessoas, mais ou menos. Jesus pegou os pães, agradeceu a Deus e distribuiu aos que estavam sentados. Fez a mesma coisa com os peixes. E todos comeram o quanto queriam. Quando ficaram satisfeitos, Jesus disse aos discípulos: “Recolham os pedaços que sobraram, para não se desperdiçar nada”.

Dirigente: Meditemos sobre a Palavra de Deus que acabamos de escutar.

COMENTÁRIOS A VÁRIAS VOZES

Jesus está cercado por uma “grande multidão”.

Mas quem é essa quستا «grande multidão» da qual fala o Evangelho de João? São os povos do mundo, em particular aqueles a quem nós missionários e missionárias fomos enviados e aqueles que se encontram presentes entre nós devido às migrações. E existem, ainda, os povos que neste difícil momento histórico são mais dramaticamente provados: e que nós conhecemos bem. Essa multidão Jesus a tem sempre diante de si, ou melhor a tem dentro do coração. Sobre todos e sobre cada um Ele derrama incessantemente a sua “compaixão”.

Jesus disse a Filipe: “Onde vamos comprar o pão eles comerem?”

A multidão que Jesus tem diante de si è uma multidão faminta; tem fome de pão e tem fome de Deus. Tanto naquela época como hoje! Existem, de fato, as exigências imediatas do corpo e da vida física e, ao mesmo tempo, existe as exigências, não menos vivas e fortes, da alma e da vida spiritual. E Jesus mata a fome de umas e de outras exigências.

Respondeu Filipe: “Nem o salário de meio ano bastaria para dar um pedaço a cada um”!

Os discípulos advertem sobre seus limites e não sabem como intervir. Jesus então os coloca à prova, para que revela o que têm no coração (cfr Dt. 8,2); porém, dá-lhes a possibilidade de cumprir um passo adiante na fé. Jesus procura orientar a resposta para além da lógica humana: para Filipe e André os problemas do povo são sobretudo questão de quantidade e de meios. Uma vez que “as contas não batem”, eles renunciaram de início a agir. É necessário alguém que, como o rapaz, coloque à disposição o pouco que possui, e o problema se resolve.

“Então Jesus pegou os pães, agradeceu a Deus e distribuiu aos que estavam sentados. Fez a mesma coisa com os peixes. E todos comeram o quanto queriam”

João resume a ação de Jesus em três verbos « Tomou o pão, deu graças e o distribuiu», que reportam imediatamente à Eucaristia, mas que podem fazer de toda nossa vida um sacramento: tomar, agradecer, doar. Cristo agradece o Pai por aquele pouco pão que tem nas mãos, ou seja, reconhece que o alimento vem d'Ele como dom gratuito. Com tal agradecimento, Cristo corta o vínculo entre aqueles pães e o ser humano que o possui, e o coloca radicalmente sob o domínio do Pai. Naquele momento começa o prodígio da multiplicação. O pai multiplica em benefício de todos aquilo que uma pessoa não retém como se fosse o dona. A Eucaristia nascerá desse pressuposto necessário: a expropriação subjetiva, a entrega nas mãos do Pai e o enriquecimento da Igreja. O Pai é proprietário efetivo de tudo aquilo que existe; a multiplicação resulta desse honesto reconhecimento por parte do homem. A passagem seguinte è aquele da partilha.

“Quando ficaram satisfeitos, Jesus disse aos discípulos: Recolham os pedaços que sobraram, para não se desperdiçar nada”.

A partilha não é somente capaz de matar a fome, mas também de fazer com que sobre pão. Aquilo que à primeira vista parecia insuficiente, agora se revela ainda por cima abundante. E Jesus convida então a recolher os pedaços: existe outras fomes, outros famintos para ir ao encontro e servir ao longo do curso da história, e não podem encontrar a comunidade despreparada e desprovida.

Aqueles fragmentos recolhidos com cuidado serão para os discípulos como um sacramento que os impedirá de tornar-se surdos à fome do ser humano e, ao mesmo tempo, fará lembrar o caminho a ser percorrido para enfrentar todas as fomes que deverão cruzar ao longo do desenrolar-se da história.



CANTO DE INTERIORIZAÇÃO (canto eucarístico)

Dirigente: Do nosso coração, tocado pela força da Palavra, nasce humildemente a oração.

Senhor Jesus, para matar a fome da multidão te serves de poucos pães e poucos peixes: pede um sinal de partilha, certamente inadequado diante da situação; mas o pequeno sinal torna-se grande coisa se existe abertura à tua pessoa; Te bendizemos porque o gesto feito por tuas mãos vem, agora, confiado às nossas mãos e a todos os teus discípulos. Obrigado, Senhor, por aquele pão que é sinal de doação de um Outro à multidão necessitada. Aquele pão, a partir de então, é sinal de um pão novo, ao qual nos avizinhamos somente com a fé.

A Ti, que estás presente nesse pão que mata a fome do desejo de salvação de cada ser humano que vive sob o céu, quero confiar a nossa vida, o nosso empenho missionário e a vida de todos os pobres que encontramos no nosso caminhar pelas estradas do mundo.

*Acada invocação respondemos:
Senhor, ouvi a nossa prece!*

- Pela família scalabriniana
- Pelos jovens sacerdotes
- Pelos sacerdotes que desenvolvem seu serviço desde longo tempo
- Por quem está cansado, para que o Senhor o renove em suas motivações
- Pa que se conheça no mundo a atualidade do carisma scalabriniano

Orações espontâneas

A PALAVRA DE DOM SCALABRINI

A fé é necessária à nossa condição atual, como é necessário escurecer o cristal para quem olha o sol, se não quiser enganar-se. É necessária, porque, sendo Deus infinito e nós limitados, ela deve chegar lá onde a razão não chega. A fé é para a razão o que o telescópio é para a nossa fraca vista. Se numa noite serena, elevais os olhos ao céu, vereis



uma infinidade de estrelas, mas lá onde o olho nada distingue, o telescópio descobre novos mundos e incógnitas maravilhosas, assim o nosso espírito, pouco ou nada sabe em relação aos grandes problemas da vida. É a fé que nos revela o mundo sobrenatural, onde cada problema encontra a sua indiscutível e plena solução. É a fé que ilumina a nossa inteligência, esclarece-nos sobre a nossa existência, nosso destino, nosso futuro. As sombras do mistério devem aumentar a nossa fé, antes que diminuí-la. Os mistérios da fé, impenetráveis, em si mesmos, são pois ricos de esplendores inefáveis, como a coluna que guiava o povo de Deus no deserto, espalhava sombra e luz.

[Carta Pastoral (...) para a Santa Quaresma de 1881, Placência, em: UMA VOZ ATUAL, I parte]

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO

(Extraído do discurso da 100ª Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, 2014)

A Igreja, respondendo ao mandato de Cristo “Ide e fazei discípulos todos os povos”, é chamada a ser o Povo de Deus que abraça todos os povos, e leva a todos os povos o anúncio do Evangelho, uma vez que no rosto de cada pessoa está impresso o rosto de Cristo! Aqui se encontra a raiz mais profunda da dignidade ao ser humano, que deve ser sempre respeitada e protegida. Não são tanto os critérios de eficiência, de produtividade, de extrato social, de pertença étnica ou religiosa os que fundam a dignidade da pessoa humana, mas o fato de sermos criados à imagem e semelhança de Deus (cfr Gen 1,26-27) e, ainda mais, o fato de sermos filhos de Deus; cada ser humano é filho de Deus! N’Ele está impressa a imagem de Cristo! Trata-se, então, de ver, nós em primeiro lugar, e de ajudar os outros a ver no migrante e no refugiado não só um problema a ser enfrentado, mas um irmão e uma irmã a ser acolhido, respeitado e amado, uma ocasião que a Providência nos oferece para contribuir à construção de uma sociedade mais justa, uma democracia mais forte, um país mais

solidário, um mundo mais fraterno e uma comunidade cristã mais aberta, segundo o Evangelho. As migrações podem fazer nascer possibilidades de nova evangelização, abrir espaços ao crescimento de uma nova humanidade, preanunciada no mistério pascal: uma humanidade na qual cada terra estrangeira é pátria e cada pátria é terra estrangeira.

PAI NOSSO

Benção



CANTO FINAL

*Somos todos migrantes
No curso da nossa vida*



VIGÍLIA VOCACIONAL



CANTO DE ENTRADA

Saudação e introdução

Invocação ao Espírito Santo

Solista: Espírito Santo, cria em nós o silêncio para escutar e compreender a tua voz. Tira do nosso coração aquilo que é obstáculo a uma escuta autêntica, livre e criativa.

Todos: Vem, Espírito Santo, do céu envia-nos um raio de tua luz. Vem, Pai dos pobres; vem, autor dos dons; vem, luz dos corações.

Solista: Espírito Santo, cria em nós acolhida e confiança com a tua Palavra. Cancela nossas dúvidas e fadigas, reforça a nossa fé.

Todos: Consolador perfeito, doce hóspede da alma, docíssimo conforto. Na fadiga, repouso; na quentura, reparo; no pranto, conforto.

Solista: Espírito Santo, orienta e guia nossas inteligências, concede-nos a sabedoria que confere gosto e sentido a cada momento vivido.

Totos: Ó luz beatíssima, invade no íntimo o coração dos teus fiéis. Sem a tua força, nada è o homem, nada sem culpa.

Solista: Espírito Santo, dá-nos a constância de responder aos chamados cotidianos, e a força de te re-escolher a cada dia.

Todos: Dá aos teus fiéis que só em Ti confiam os teus santos dons. Dá virtude e prêmio, dá morte santa, dá alegria eterna. Amen.

ORAÇÃO:

A cada ogni invocação repetimos juntos:

Ó Senhor, te agradecemos!

Senhor, ouvimos a tua voz e reconhecemos em Ti o Senhor da nossa vida.

Senhor, chamaste-nos e respondemos: eis-me!

Senhor, cruzamos o teu olhar como os pescadores do lago e, deixadas as nossas redes, te seguimos.

Senhor, escutamos o grito do pobre, o gemido do emigrante e reconhecemos neles a tua voz.

ENTRONIZAÇÃO DA PALAVRA



CANTO:

DIRIGENTE: Através das palavras do profeta Isaías, recebemos uma mensagem de amor da parte de Deus: “Não tenha medo, porque eu te redimi e te chamei pelo nome; tu me pertences [...] tu és preciso aos meus olhos, és digno de estima e eu te amo” (Is 43,1.4). Peçamos a graça de não esquecer a nossa verdadeira identidade, a nossa pertença somente a Ele, e que o objetivo da nossa vocação é o de descobrir sempre mais a presença de Jesus na nossa vida, para doá-la também aos outros.

Isaías 43, 1-7

Agora, porém, assim diz o Senhor, aquele que te criou, Jacó, aquele que te formou, ó Israel:

«Não tenhas medo, porque eu te redimi
E te chamei pelo nome: tu me pertences.
Quando atravessares a água, eu estarei contigo
Os rios não te afigarão;
Quando passares pelo fogo, não te queimarás
A chama não te alcançará.
pois eu sou o Senhor, teu Deus,
O Santo de Israel, o teu Salvador.
Para pagar a tua liberdade, eu dei o Egito
A Eíópia e Seba em teu lugar.
Porque tu és preciso aos meus olhos,
Porque és digno de estima e eu te amo
Ofereço homens em teu lugar
e nações em troca da tua vida.
Não tenhas medo, pois eu estou contigo,
No oriente vou buscar a tua descendência
E do ocidente eu te reunirei.
Direi ao norte: «entreguem-no»,
e ao sul: «não o retenhas”.
Traga de longe meus filhos,
E dos confins da terra as minhas filhas,
e todos os que são chamados pelo meu nome:
Para minha glória eu os criei,
Eu os formei, eu os fiz».

EXPLICAÇÃO - SILÊNCIO

Rezemos em dois coros:

Recorta-te, Senhor que sou tua criatura,
Recorda-te que tu me despertaste para a vida.
Eu não era e tu me pensaste; tu me chamaste do nada
E me fizeste este dom de responder: eu sou.
Tu guiaste com secreta providência
O caminho da minha existência,
Tu dispuseste as etapas do meu caminho.
De longe me chamaste
Para que eu te respondesse de perto.

E, eis, sou criatura
das tuas mãos, argila disforme e imagem do teu rosto.
Recompõe em mim a tua semelhança, Senhor,
Não me julgues se eu as esqueci.
Eu sou frágil nas tuas mãos potentes.
As tuas mãos seguram e sustentam,
As tuas mãos abaixam e exaltam.
Eu abandonarei a elas a minha vida,
O dom que tu me fizeste, u te confiarei;
Onde nada se perde, perderei o meu ser,
Em ti, Senhor, meu princípio e meu fim. Amen.
(*Paolo VI*)

SALMO 27

O Senhor é minha luz e minha salvação, de quem terei medo?
O Senhor é a fortaleza da minha vida, frente a quem temerei?
Que um exército acampe contra mim,
meu coração não temerá
Que uma guerra estoure contra mim,
Ainda assim estarei confiante!

Ele me oferece um lugar de refúgio
No dia da infelicidade;
Ele me esconde no segredo de sua tenda

E me eleva sobre uma rocha.
Escuta, Senhor, o meu grito de apelo,
tem piedade de mim, responde-me!
Ouço no meu coração:

“Procurem a sua face”;
É tua face, Senhor, que eu procuro.
Não me escondas a tua face,
Não afastes teu servo com ira,
Pois tu és o meu socorro!
Não me abandones, Deus da minha salvação,
meu pai e minha mãe me abandonaram,
mas o Senhor me acolhe.

Ensina-me, Senhor, o teu caminho,
guia-me pela vereda plana.
Espero ver a bondade do Senhor na terra dos vivos.
Espera no Senhor, seja firme,
fortaleça o seu coração e confie no Senhor!



CANTO

*A cada invocação repetimos juntos:
Senhor, Deus fiel, escuta-nos!*

Não tivemos medo de percorrer veredas desconhecidas, de aprender línguas novas, de tocar a carne do pobre. Ajuda-nos, Senhor, a perseverar na escolha, faz com que jamais deixemos de ver o teu rosto no irmão.

Manda jovens entusiastas, fortes, desejosos e capazes de sustentar e guiar os migrantes que têm necessidade. Dá-lhes um coração grande como os confins do mundo.

Oferecemos-te, Senhor, o sofrimento que vivemos a cada dia, para que venha o teu Reino nos corações, e cada homem tenha pão e dignidade e termine toda forma de escravidão.

Concede à tua Família Scalabriniana a graça de renovar-se dia-a-dia, faz que ela esteja atenta aos sinais dos tempos e que cada consagrado se torne Evangelho vivente.



TESTEMUNHO do Padre Tarcísio Rubin *scalabriniano, missionário na Argentina*

Nascido em 1929, de 1953 a 1973 desenvolveu atividades missionárias na Suíça, na Alemanha e na Itália, onde foi animador da intensa atividade desenvolvida pelo COI (Centro de Orientamento de Imigrantes), a favor dos jovens imigrantes. Em 1974, foi enviado para a Argentina, onde trabalhou entre os imigrantes, sobretudo trabalhadores sazonais bolivianos no norte do país (Salta, Tucuman, Jujuy). A sua palavra convincente, a sua coragem para enfrentar a “gente que conta” (os poderosos), que à vezes tenta esmagar os mais frágeis, o seu caráter jovial, as longas horas de oração e inclusive a sua original vestimenta de “profeta” (barba longa, batina branca, crucifixo no peito, “poncho”) despertavam o encanto do povo simples, mas também de tantos sacerdotes que a ele recorriam em suas exigências espirituais. Eram habituais os encontros com eles por ocasião dos retiros espirituais em Medonza. Foi pregador de exercícios espirituais inclusive para os bispos. Morreu de infarto em 3 de outubro de 1983, quando se encontrava em Alto Calilegua (Jujuy), ao norte da Argentina.

“Penso que devemos ter a coragem de colocar em prática seriamente o Evangelho: bem-aventurados os pobres, bem-aventurados os construtores da paz, bem-aventurados aqueles que sabem aceitar as incompreensões e converter-se no íntimo

do coração. A violência nasce quando nós substituímos os afetos com ideias, o amor com programas que tornam o homem objeto. [...] Talvez não sejamos nem muito instruídos nem muito simples como os analfabetos, porque o verdadeiro instruído, o verdadeiro professor é o crucificado. Quem tem confiança na ciência, nas ideias, nos programas, não pode degustar o amor dos homens. Cada escrito nosso, cada ciência nossa é um escrever na areia, como Jesus diante da adúltera. Todos os escritos passarão e permanecerá o encontro da misericórdia divina com a miséria humana. [...] O cristão, o sacerdote, são uma árvore que tem as raízes no céu. E o anseio das últimas palavras da Bíblia é o melhor desejo para cada festa cristã: Vem, Senhor Jesus”.

[Mendoza, 10/5/1978].

ORAÇÃO DO PADRE TARCÍSIO

Inunda, Jesus, a minha alma
com o teu espírito e com a tua vida.
Penetra todo o meu ser e dele toma posse,
de tal maneira que a minha vida
nada mais seja do que uma irradiação da tua.
Repousa no meu coração numa união tão íntima,
que as almas que tomam contato com a minha
possam sentir em mim a tua presença,
e, olhando para mim, esqueçam que eu existo.

PAI NOSSO



CANTO FINAL



Intenções vocacionais nas invocações da liturgia das LAUDES

Domingo: Ó Senhor, que com o esplendor da tua ressurreição iluminas quem jaz nas trevas e nas sombras da morte / Assiste hoje os nossos missionários para que sejam apóstolos fiéis e conforto aos migrantes.

Segunda-feira: Ó Jesus, que vivendo pobre, casto e obediente, foste o inspirador de uma vida consagrada a serviço de cada homem / Faz que também nós, fiéis cada dia às nossas promesas, vivemos intensamente ao lado dos nossos irmãos.

Terça-feira: Ó Pai Santo, tu que chamaste os seminaristas e os noviços scalabrinianos a fazer-se próximos de cada migrante / Faz que, como o Bom Samaritano, saibamos responder da melhor forma ao grito de dor de quem sofre.

Quarta-feira: Ó Deus, que inspira o coração das famílias que deidem fazer-se migrantes com os migrantes / Jamais deixes faltar nelas o teu Santo Espírito e dá-lhes coragem e esperança.

Quinta-feira: Ó Senhor, que destes à Igreja, no Bem-aventurado João Batista Scalabrini, um mestre de generosidade e esperança / Concede a cada homem a capacidade de amar e acolher que se encontra em dificuldade.

Sexta-feira: Ó Senhor, que com a tua paixão e morte procuraste a redenção do mundo / Faz que cada missionário esteja sempre pronto ao perdão e ao diálogo com todos.

Sábado: Ó Jesus, que quiseste constituir Maria Mãe da Igreja / Concede que cada consagrado seja capaz de romper as fronteiras da incompreensão e do ódio.

Intenções vocacionais nas invocações da liturgia das VÉSPERAS

Domingo: Ó Senhor, que inspiraste o Bem-aventurado João Batista Scalabrini a construir uma congregação em favor dos migrantes / Suscita nos jovens o desejo de seguir suas pegadas para tornarem-se anunciadores de esperança e fiéis testemunhos do Evangelho.

Segunda-feira: Ó Senhor, que revelaste o teu amor doando a tua vida pela salvação de cada homem / Aquece o coração daqueles que te amam para que te sigam mais de perto no caminho dos conselhos evangélicos.

Terça-feira: Ó Senhor, que aos jovens de hoje concedes educadores e sacerdotes que os acompanham / Sustenta cada formador para que ajude os jovens a descobrir a própria vocação.

Quarta-feira: Amaste o jovem rico o o chamaste ao teu seguimento / Faz com que o apego às riquezas materiais e às comodidades não sejam obstáculo à adesão alegre ao teu desenho de salvação.

Quinta-feira: Senhor, que na Última Ceia lavaste os pés aos teus discípulos / Suscita no coração dos jovens o amor aos serviço dos pobres, dos humildes, dos mais pequenos.

Sexta-feira: Recomendamos-te os missionários e todos os operários do teu Evangelho, que chamaste a ti desta vida / Faz com que recebam o prêmio por ti prometido e cantem eternamente o teu louvor.

Sábado: Junto à cruz nos deste a Virgem Maria como mãe de cada homem / Faz com que cada batizado se dirija a ela e encontre conforto em toda a adversidade.



ORAÇÃO PARA AS VOCAÇÕES

Pai bondoso,
que guias com amor e com força o teu povo
e fazes surgir em cada tempo e em cada lugar
homens e mulheres que sabem doar-se
inteiramente a Ti e aos irmãos,
suscita no coração de tantos jovens
o desejo, a disponibilidade e a vontade
de seguir-te de perto por toda a vida.
Com insistência e confiança te pedimos
para despertar e preencher o coração e a mente
de quantos foram chamados
a fim de que o teu convite encontre terreno bom e fecundo.
Dá, ainda, Senhor da messe
alegria e perseverança a quantos
já responderam ao teu chamado.
A Maria, discípula fiel,
modelo e socorro de cada chamado
confiamos esta nossa oração
para que inteceda junto a Jesus, seu Filho,
fonte, motivo e recompensa de cada vocação.
Amen

APÊNDICE 1

Carta Pastoral (...) para a Santa Quaresma de 1883

«Tornar-se igualmente suas cópias»

Que faz um pintor que queira fielmente retratar na tela qualquer pessoa amada? Mantém sempre os olhos sobre aquela pessoa, para não fazer nenhum traço (pincelada) que não se preste à forma original. De certa maneira, assim demos fazer também nós. É necessário que todos os nossos pensamentos, que todas as nossas palavras, que todas as nossas ações, que todos os nossos desejos, que todas as nossas disposições, que todos as nossas aflições, sejam como verdadeiros traços (pinceladas), que formem e expressem em nós qualquer traço da vida de Jesus Cristo, até tornarmo-nos, or assim dizer, igualmente suas cópias. Isto ocorrerá, sabeis quando? Quando nós julgaremos todas as coisas como Jesus Cristo mesmo as julgou. Quando amaremos aquilo que Ele amou e da mesma maneira que Ele amou. Quando teremos no nosso coração os mesmos sentimentos e as mesmas disposições que Ele teve no seu coração. Não todos, é verdade, somos obrigados a viver em uma tão grande pobreza, como foi a pobreza na qual Ele viveu; como nem todos somos obrigados a sofrer os tormentos inefáveis que Ele teve de sofrer; mas todos, indistintamente, grandes e pequenos, ricos e pobres, sacerdotes e leigos, somos obrigados a viver, no interior de nós, as mesmas disposições de pobreza, de humildade, de caridade, de sacrifício e de todas as outras virtudes cristãs, de modo que estejamos prontos a sacrificar tudo, a sofrer tudo, inclusive a morte, antes de deixar de lado sua santa lei. Não nos iludamos, porém, ó diletíssimos! Nós jamais teremos essa interior conformidade com Jesus Cristo, se não teremos com Ele qualquer conformidade também exterior. A vida de Jesus, disse o Apóstolo Paulo, deve manifestar-se na nossa carne mortal.

Carta Pastoral (...) para a Santa Quaresma de 1878

«O amor jamais diz: basta»

Ele arde por nós do mais fêrvido amor e o amor jamais diz:basta. Por nós, Jesus viveu uma vida de contínuas dificuldades, não viu a hora de consumá-la por nós (Lc XII, 50). E chegou aquela hora, chegou a hora do sacrifício e vu-se a trágica cena de um Deus que morre crucificado pelo homem (Rm V, 9)! O que se pode dizer ou pensat de mais grandioso, de mais admirável por excesso de caridade? Ninguém certamente, como afirma o mesmo Jesus, pode mosrar maior caridade que dar a vida por seus amigos (Gv XV, 13). Mas que caridade não foi a sua em quer morrer por nós seus inimigos, Ele nosso Deus, nosso Criador, por nós ofendido e ultrajado? Considerando isso, dizia o Apóstolo: pode ser que se encontre quem queira morrer por um homem justo, mas Deus mostrou nisso a sua grande caridade por nós, porque, sendo ainda pecadores, Cristo morreu por nós (Rm V, 7). E por que morreu? Porque o quis Ele mesmo (Is. LIII, 7), que de outro modo ninguém poderia a isso obrigá-lo, como Ele disse (Gv X, 1 7). Mas por que o quis? Não por outra coisa, senão porque nos amava.

APÊNDICE 2

CARTA APOSTÓLICA DO SANTO PADRE FRANCISCO A TODOS OS CONSAGRADOS POR OCASIÃO DO ANO DA VIDA CONSAGRADA

Caríssimas consagradas e caríssimos consagrados!

Escrevo a vós como sucessor de Pedro, ao qual o Senhor Jesus confiou a tarefa de confirmar na fé os irmãos (cfr Lc 22,32), e vos escrevo como irmão vosso, consagrado a Deus como vós.

Agradeçamos juntos o Pai, que nos chamou a seguir Jesus na plena adesão ao seu Evangelho e no serviço da Igreja, e derramou em nossos corações o Espírito Santo que nos dá alegria e nos faz dar testemunho ao mundo inteiro do seu amor e da sua misericórdia.

Fazendo eco do sentimento de muitos de vós e da Congregação para os Institutos de vida consagrada e das Sociedade de vida apostólica, por ocasião do 50º aniversário da Constituição dogmática *Lumen gentium*, sobre a Igreja, que no cap. VI trata dos religiosos, como também do Decreto *Perfectae caritatis*, sobre a renovação da vida consagrada, decidi lançar un Ano da Vida Consagrada. Terá início no dia 30 de novembro corrente, Primeiro Domingo do Advento, e terminará com a festa da Apresentação de Jesus no Templo, no dia 2 de fevereiro de 2016.

Depois de ter ouvido a Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida consagrada, indiquei como objetivos para este Ano os mesmos que **São João Paulo II** havia proposto à Igreja no início do terceiro milênio, retomando, de certa forma, quanto havia já indicado na Exortação pós-sinodal *Vida consagrada*: «Vós não tendes somente uma gloriosa história para recordar e para recontar, mas uma grande história para construir! Olhai o futuro, no qual o Espírito vos projeta para fazer convosco coisas ainda grandes»(n. 110).

I – Os objetivos para o Ano da Vida Consagrada

1.O primeiro objetivo è olhar o pasado com gratidão. Cada um de nossos Institutos vem de uma rica história carismática. Na sua origem está presente a ação de Deus que, no seu Espírito, chama algumas pessoas ao seguimento mais próximo de Cristo, a traduzir o Evangelho em uma particular forma de vida, a ler com os olhos da fé os sinais dos tempos, a responder com criatividade às necessidades da Igreja. A experiência das origens depois cresceu e se desenvolveu, envolvendo outros membros em novos contextos geográficos e culturais, dando vida a novas formas de realizar o carisma, a novas iniciativas e expressões de caridade apostólica. É como a semente que se torna árvore espalhando seus ramos.

Neste Ano será oportuno que cada família carismática recorde as suas origens e o seu desenvolvimento histórico, para agradecer a Deus que ofereceu à Igreja assim tantos dons que a tornam bela e aparelhada para cada obra boa (cfr *Lumen gentium*, 12).

Recontar a própria história é indispensável para manter viva a identidade, assim como para estreitar a unidade da família e o sentido de pertença dos seus membros. Não se fazer rãta de arqueologia ou de cultivar inúteis nostalgias, mas sobretudo de percorrer novamente o caminho das gerações passadas para colher nelas a chama inspiradora, a identidade, os projetos, os valores que lhe puseram em movimento, a iniciativa dos Fundadores, das Fundadoras e das primeiras comunidades. É um modo também para tomar consciência de como foi vivido o carisma ao longo da história, que criatividade desencadeou, que dificuldades deveu enfrentar e como foram superadas. Podemos descobrir incoerências, fruto da fraqueza humana, às vezes talvez inclusive o esquecimento de alguns aspectos essenciais do carisma. Tudo è instrutivo e, ao mesmo tempo, torna-se apelo à conversão. **Narrar a própria história é louvar a Deus e agradecer-Lhe por todos os seus dons.**

Nós O agradecemos de modo particular por estes últimos 50 anos seguidos ao Concílio Vaticano II, que representou uma “brisa” do Espírito Santo para toda a Igreja. Graças a isso, a vida consagrada realizou um fecundo caminho de renovação que, com as suas luzes e as suas sombras, foi um tempo de graça, assinalado pela presença do Espírito.

Seja este Ano da Vida Consagrada uma ocasião também para confessar com humildade e, ao mesmo tempo, com grande confiança em Deus Amor Sia (cfr 1 Gv 4,8), a própria fragilidade e para vivê-la como experiência de amor misericordioso do Senhor; uma ocasião para gritar ao mundo com força e para testemunhar com alegria a santidade e a vitalidade presentes em grande parte daqueles que foram chamados a seguir Cristo na vida consagrada.

2. Este Ano nos chama, além disso, a viver o presente com paixão. A grata memória do passado nos estimula, na escuta atenta daquilo que o Espírito diz hoje à Igreja, a atuar de maneira sempre mais profunda os aspectos constitutivos da nossa vida consagrada.

Desde o início do primeiro monaquismo, até às odiernas “novas comunidades”, cada forma de vida consagrada nasceu pelo chamado do Espírito a seguir Cristo como nos ensina o Evangelho. (cfr *Perfectae caritatis*, 2). Para os Fundadores e as Fundadoras, a regra em absoluto foi o Evangelho, qualquer outra regra desejava ser somente expressão do Evangelho e instrumento para vivê-lo em plenitude. O seu ideal era Cristo, aderir a Ele inteiramente, até poder dizer com Paulo: «Per me il vivere è Cristo» (Fil 1,21); os votos tinham sentido somente para realizar esse seu apaixonado amor.

A pergunta que somos chamados a dirigir-nos neste Ano é se e como também nós nos deixamos interpelar pelo Evangelho; se ele è verdadeiramente o “vademecum” para a vida de cada dia e para as opções que somos chamados a operar. O Evangelho é exigente e requer ser vivido com radicalidade e sinceridade. Não basta lê-lo (e mesmo assim, leitura e estudo permanecem

de extrema importância), não basta meditá-lo (e o faremo com alegria a cada dia). Jesus nos pede para realizá-lo, para viver suas palavras.

Jesus, demos perguntar-nos ainda, é verdadeiramente o primeiro e o único amor, como previmos quando fizemos a profissão dos votos? Somente se é assim, podemos e devemos amar na verdade e na misericórdia cada pessoa que encontramos no nosso caminho, porque teremos aprendido d'Ele o que é o amor e como amar: saberemos amar porque teremos o seu mesmo coração.

Os nossos Fundadores e Fundadoras sentiram em si a compaixão que tomava Jesus quando via as multidões como ovelhas perdidas sem pastor. Como Jesus, movido por essa compaixão, deu a sua palavra, curou os doentes, deu o pão para comer, ofereceu a sua própria vida, assim também os Fundadores puseram-se ao serviço da humanidade à qual o Espírito os mandava, nos modos mais diversos: a intercessão, a pregação do Evangelho, a catequese, a instrução, o serviço aos pobres, aos doentes... A fantasia da caridade não conheceu limites e soube abrir inúmeras vias para levar o sopro do Evangelho nas culturas e nos mais diversos âmbitos sociais.

O Ano da Vida Consagrada nos interroga sobre a fidelidade à missão que nos foi confiada. Os nossos ministérios, as nossas obras, a nossa presença, resone a quanto o Espírito pediu aos nossos Fundadores, são adequados para perseguir sua finalidade na sociedade e na Igreja de hoje? Existe alguma coisa que devemos mudar? Temos a mesma paixão pelo povo, estamos vizinhos a ele ao ponto de compartilhar as alegrias e dores, de modo a compreender verdadeiramente as necessidades e poder oferecer a nossa contribuição para responder? «A mesma generosidade e abnegação que estimularam os Fundadores – insistia já São João Paulo I – devem mover a vós, seus filhos espirituais, a manter vivos os carismas que, com a mesma força do Espírito que os suscitou, continuam a enriquecer-nos e a adaptar-se, sem perder o seu

caráter genuíno, para colocar-se a serviço da Igreja e levar à lenitude a instauração do seu Reino»[1].

Ao fazer a memória das origens, vem à luz um ulterior componente do projeto de vida consagrada, Fundadores e Fundadoras eram fascinados pela unidade dos Doze ao redor de Jesus, pela comunhão que distinguia a primeira comunidade de Jerusalém. Dando vida à própria comunidade, cada um deles entendeu reproduzir aqueles modelos evangélicos, ser um só coração e uma só alma, gozar da presença do Senhor (cfr *Perfectae caritatis*,15).

Viver o presente com paixão significa tornar-se “esperto de comunhão”, «testemunhos e artífices daquele “projeto de comunhão” que se encontra no vértice da história do homem segundo Deus»[2]. Numa sociedade do desencontro, da difícil convivência entre culturas diversas, da violência sobre os mais débeis, das desigualdades, somos chamados a oferecer um modelo concreto de comunidade que, através do reconhecimento da dignidade de cada pessoa e da partilha do bem que cada um porta consigo, permita viver relações fraternas.

Sejai, portanto, mulheres e homens de comunhão, fazei-vos presentes com coragem lá onde existe diferenças e tensões, e sejai um sinal credível da presença do Espírito que infunde nos corações a paixão para que todos sejam uma só coisa (cfr Gv 17,21). Vivei a mística do encontro: «a capacidade de sentir, de escutar as outras pessoas. A capacidade de criar juntos o caminho, o método»[3], deixando-vos iluminar pela relação de amor que passa entre as três Pessoas Divinas (cfr 1 Gv 4,8) aquele modelo de toda relação interpessoal.

3. Abraçar o futuro com esperança quer ser o terceiro objetivo deste Ano. Conhecemos as dificuldades nas quais se debate a vida consagrada nas suas várias formas: a diminuição das vocações e o envelhecimento, sobretudo no mundo ocidental; os problemas econômicos, derivados da grave crise financeira mundial; os desafios da internacionalidade e da globalização; as ciladas do relativismo, a marginalização e a irrelevância

social... Exatamente nestas incertezas, que partilhamos com tantos nossos contemporâneos, realiza-se a nossa esperança, fruto da fé no Senhor da história que continua a repetir-nos: «Não tenha medo... porque eu estou contigo» (Ger 1,8).

A esperança de que falamos não se funda sobre números ou sobre obras, mas sobre Aquele no qual colocamos a nossa confiança (cfr 2 Tm 1,12) e para o qual «nada é impossível» (Lc 1,37). É esta a esperança que não desilude e que permitirá à vida consagrada continuar a escrever uma grande história no futuro, ao qual devemos dirigir o olhar, conscientes que é em direção ao amanhã que nos estimula o Espírito Santo para continuar a fazer conosco grandes coisas.

Não cedais à tentação dos números e da eficiência, menos ainda àquela de confiar nas próprias forças. Prescurtai os horizontes da vossa vida e do momento atual em atenta vigília. Com Bento XVI vos repito: «Não vos juntai aos profetas de desventuras que proclamam o fim ou a falta de sentido da vida consagrada na Igreja dos nossos dias; antes, revesti-vos de Jesus Cristo e endossai as armas da luz – como exorta Paulo (cfr Rm 13,11-14) – permanecendo atentos e vigilantes»[4].
Continuemos e retomemos sempre o nosso caminho com a confiança no Senhor.

Dirijo-me sobretudo a vós jovens. Sois o presente porque já viveis ativamente o sentido de vossos Institutos, oferecendo uma contribuição determinante com a jovialidade e a generosidade de vossa opção. Ao mesmo tempo, sois o futuro dos Institutos porque logo sereis chamados a tomar em vossas mãos a direção da animação, da formação, do serviço e da missão. Este Ano vos encontrará protagonistas no diálogo com a geração que está diante de vós. Em fraterna comunhão, podereis enriquecer-vos da sua experiência e sabedoria e, ao mesmo tempo, podereis propor a essa geração o ideal que conheceu em sua origem, oferecer o ímpeto e a jovialidade do vosso entusiasmo, assim podereis elaborar juntos novos

modos de viver o Evangelho e respostas sempre mais adequadas à exigências de testemunho e de anúncio.

Estou contente em saber que tereis ocasião de reunir-vos juntos entre vós jovens de diferentes Institutos. Que o encontro se torne um habitual caminho de comunhão, de sustento mútuo, de unidade.

II – **As expectativas para o Ano da Vida Consagrada**

Que coisa espero, em particular, com este Ano da Vida Consagrada?

1. Que seja sempre verdadeiro aquilo que eu disse uma vez: «Onde estão os religiosos, há alegria». Somos chamados e experimentar e mostrar que Deus é capaz de preencher o nosso coração e de tornar-nos felizes, sem necessidade de buscar em outra parte a nossa felicidade; que a autêntica fraternidade vivida nas nossas comunidades alimenta a nossa alegria; que o nosso dom total no serviço da Igreja, das famílias, dos jovens, dos pobres nos realiza como pessoas e confere plenitude à nossa vida.

Que entre nós não se vejam rostos tristes, pessoas descontentes e insatisfeitas, porque “uma sequela triste é uma triste sequela”. Também nós, como todos os outros homens e mulheres, provamos dificuldades, noites do espírito, desilusão, doenças, declínio das forças devido à velhice. Exatamente nisso devemos encontrar a “perfeita alegria”, aprender a conhecer o rosto de Cristo que se fez em tudo semelhante a nós e, portanto, provar a alegria de saber-nos semelhantes a Ele que, por amor nosso, não recusou de sofrer a cruz.

Numa sociedade que ostenta o culto da eficiência, da ansiedade exagerada pela saúde, do sucesso e que marginalia os pobres e exclui os “derrotados”, podemos testemunhar, através da nossa vida, a verdade das palavras da Escritura: «Quando sou fraco, é então que sou forte» (2 Cor 12,10).

Bem podemos aplicar à vida consagrada quanto escrevi na Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, citando uma homilia de Bento XVI: «A Igreja não cresce pelo proselitismo, mas pela atração» (n. 14). Sim, a vida consagrada não cresce se organizamos belas campanhas vocacionais, mas se as jovens e os jovens que nos encontra se sentem atraídos por nós, se nos vêem como homens e mulheres felizes! Iguamente a sua eficácia apostólica não depende da eficiência e do poder de nossos meios. É a vossa vida que deve falar, uma vida da qual transpareça a alegria e a beleza de viver o Evangelho e de seguir.

Repito também a vós aquilo que disse na pasada Vigília de Pentecostes aos Movimentos eclesiais: «O valor da Igreja, fundamentalmente, é viver o Evangelho e dar testemunho da nossa fé. A Igreja é sal da terra, é luz do mundo, é chamada a tornar presente na sociedade o fermento do Reino de Deus e o faz, antes de tudo, com o seu testemunho, o testemunho do amor fraterno, da solidariedade, da partilha» (18 de maio de 2013).

2. Espero assim “despertar o mundo”, porque a nota que caracteriza a vida consagrada è a profecia. Como já disse aos Duperiores Gerais, «a radicalidade evangélica não é somente dos religiosos: é exigida a todos. Mas os religiosos seguem o Senhor de maneira especial, de modo profético». É esta a prioridade que agora é exigida: «ser profetas que testemunham como Jesus viveu sobre esta terra... Jamais um religioso deve renunciar à profecia» (29 de novembro de 2013).

O profeta recebe de Deus a capacidade de prescrutar a história na qual vive e de interpretar os acontecimentos: è como uma sentinela que vigia durante a noite e sabe quando chega a aurora (cfr Is 21,11-12). Conhece Deus e conhece os homens e as mulheres, seus irmãos e irmãs. É capaz de discernimento e também de denunciar o mal do pecado e das injustiças, porque é livre, não deve responder a outros senhores senão a Deus, não tem outros interesses além daqueles de Deus. O profeta

encontra-se habitualmente do lado dos pobres e dos indefesos, porque sabe que o próprio Deus está ao seu lado.

Espero, portanto, que não mantenhais vivas meras “utopias”, mas que saibais criar “outros lugares”, onde se viva a lógica evangélica do dom, da fraternidade, da acolhida à diversidade, do amor recíproco. Mosteiros, comunidades, centros de espiritualidade, refúgios, escolas, ospitai, casas-família e todos os lugares que a caridade e a criatividade carismática fiera nascer, e que ainda farão nascer com ulterior criatividade fermento para uma sociedade inspirada no Evangelho, a “cidade sobre o monte” que diz a verdade e o poder das palavras de Jesus.

Às vezes, como ocorre com Elias e Jonas, pode chegar a tentação de fugir, de subtrair-se ao papel de profeta, porque demais exigente, porque estimo cansados, desiludidos com os resultados. Mas o profeta sabe que jamais está só. Mesmo a nós, como a Jeremias, Deus assegura: «Não tenha medo... porque eu estou contigo para te proteger» (Ger 1,8).

3. Os religiosos e as religiosas, a exemplo de todas as outras pessoas conagradas, são chamados a ser “expertos de comunhão”. Espero, portanto, que a “espiritualidade da comunhão”, indicada por São João Paulo II, torne-se realidade e que vós estejais na primeira linha, no sentido de colher «o grande desafio que está diante de nós» neste novo milênio: «fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão»[5]. Estou certo que neste Ano trabalhareis como seriedade para que o ideal da fraternidade perseguido pelos Fundadores e pelas Fundadoras cresça nos mais diversos níveis, como círculos concêntricos.

A comunhão se exercita, antes de tudo, no interior das respectivas comunidades do Instituto. Sobre isso, vos convido a reler as minhas frequentes intervenções, nas quais não me canso de repetir que críticas, piadas, invejas, ciúmes, antagonismos são atitudes que não têm direito de habitar nas nossas casas. Mas, posta esta premissa, o caminho da caridade que se abre diante de nós é quase infinito, porque se trata de

perseguir a acolhida e a atenção recíprocas, de praticar a comunhão dos bens materiais e espirituais, a a correção fraterna, o respeito pelas pessoas mais fracas... É «a “mística” de viver juntos», que faz da nosa vida «uma santa peregrinação»[6]. Devemos nos interrogar também sobre a relação entre as pessoas de culturas diversas, considerando que as nossas comunidades tornam-se sempre mais internacionais. Como consentir a cada um de exprimir-se, de ser acolhido com seus dons específicos, de tornar-se pienamente responsável?

Espero, além disso, que cresça a comunhão entre os membros dos diversos Institutos. Não poderia este Ano ser a ocasião para sair com maior coragem dos confins do próprio Instituto, para elaborar juntos, em nível local e global, projetos comuns de formação, de evangelização, de intervenções sociais? Desse modo poderá ser oferecido mais eficazmente um testemunho profético. **A comunhão e o encontro entre diferentes carismas e vocações é um caminho de esperança. Ninguém constrói o futuro isolando-se, nem somente com as próprias forças, mas reconhecendo-se na verdade de uma comunhão que sempre se abre ao encontro, ao diálogo, à escuta, à ajuda recíproca e se preserva da doença da autoreferencialidade.**

Ao mesmo tempo, a vida consagrada é chamada a perseguir uma sincera sinergia entre todas as vocações na Igreja, a partir dos presbíteros e dos leigos, ao ponto de «fazer crescer a espiritualidade da comunhão, antes de tudo no seu interior, e depois na própria comunidade eclesial e para além de seus confins»[7].

4. Espero ainda de vós aquilo que peço a todos os membros da Igreja: sair de si mesmos para ir às periferias existenciais. «Ide a todo mundo» foi a última palavra que Jesus dirigiu aos seus e que continua a dirigir hoje a todos nós (cfr Mc 16,15). Existe uma humanidade inteira que espera: pessoas que perderam toda esperança, famílias em dificuldade, crianças abandonadas, jovens aos quais se fecha qualquer futuro, doentes e idosos abandonados, ricos saciados de bens e com um vazio no

coração, homens e mulheres à procura do sentido da vida, sedentos do divino...

Não vos fecheis sobre vós mesmos, não vos deixeis asfixiar nas pequenas coisas de casa, não permanecéis prisioneiros de vossos problemas. Estes se revolvem que saís para ajudar os outros a resolver os seus problemas e a anunciar a Boa Nova.

Encontrareis a vida dando a vida; a esperança, dando esperança; o amor, amando.

Espero de vós gestos concretos de acolhida dos refugiados, de vizinhança aos pobres, de criatividade na catequese, no anúncio do Evangelho, na iniciação à vida de oração. Em consequência, aspiro à flexibilidade das estruturas, à reutilização das grandes casas em favor de obras que melhor respondam às atuais exigências da evangelização e da caridade, a adequação das obras às novas necessidades.

5. Espero que cada forma de vida consagrada se interroge sobre aquilo que Deus e a humanidade de hoje requerem.

Os mosteiros e os grupos de orientação contemplativa poderiam encontrar-se entre si, ou então aproximar-se nos modos mais diferentes para intercambiar as esperanças sobre a vida de oração, sobre como crescer na comunhão com toda a Igreja, sobre como socorrer os cristãos perseguidos, sobre como acolher e acompanhar aqueles que estão à procura de uma vida espiritual mais intensa e têm necessidade de um socorro moral e material.

O mesmo poderão fazer os Institutos caritativos, dedicados ao ensinamento, à promoção da cultura, aqueles que se lançam ao anúncio do Evangelho ou que desenvolvem particulares ministérios pastorais, os Institutos seculares na sua capilar presença nas estruturas sociais. A fantasia do Espírito gerou modos de vida e obras tão diversas que não podemos facilmente catalogá-las em esquemas pré-fabricados. Assim pois, não é possível referir-me a cada forma carismática. Todavia, neste Ano ninguém deveria subtrair-se a uma séria avaliação sobre a sua presença na vida da Igreja e sobre o modo

de responder às contínuas e novas perguntas que se levantam ao redor de nós, ao grito dos pobres.

Somente nesta atenção às necessidades do mundo e na docilidade aos impulsos do Espírito, este Ano da Vida Consagrada poderá transformar-se num autêntico kairòs, um tempo de Deus rico de graças e de transformações.

III – Os horizontes do Ano da Vida Consagrada

1. Com esta minha carta, além das pessoas consagradas, dirijo-me aos leigos que, juntamente com elas, compartilham ideais, espírito, missão. Alguns Institutos religiosos possuem uma antiga tradição a esse respeito, outras uma experiência mais recente. De fato, em torno a cada família religiosa, como também às Sociedades de vida apostólica e aos próprios Institutos seculares, encontra-se presente uma família maior, a “família carismática”, que compreende mais Institutos que se reconhecem no mesmo carisma, e sobretudo cristãos leigos que se sentem chamados, justamente na sua condição laical, a participar da mesma realidade carismática.

Desejo encorajar também vós, leigos, a viver este Ano da Vida Consagrada como uma graça que poder tornar-vos mais conscientes do dom recebido. Celebrai-o com toda a “família”, para crescer e responder juntos aos chamados do Espírito na sociedade odierna. Em algumas ocasiões, quando os consagrados de diversos Institutos se encontrarão neste Ano entre eles, fazei de tudo para estar presentes também vós como expressão do único dom de Deus. Assim podereis conhecer as experiências das outras famílias carismáticas, de outros grupos laicais e de enriquecer-vos reciprocamente.

2. O Ano da Vida Consagrada não se refere somente às pessoas consagradas, mas a toda a Igreja. Dirijo-me, assim, a todo povo cristão para que tome cada vez mais consciência do dom que é a presença de tantas consagradas e consagrados, herdeiros de grandes santos que fiera a história do cristianismo. Que seria a Igreja sem São Bento e São Basílio, sem Santo Agostinho e São Bernardo, sem São Francisco e São Domingos, sem Santo

Inácio de Loyola e Santa Tereza d'Ávila, sem Santa Angela Merici e São Vicente de Paula? O elenco far-se-ia quase infinito, até São João Bosco, à Bem-aventurada Teresa de Calcutá. O Bem-aventurado Paulo VI afirmava: «Sem este sinal concreto, a caridade que anima toda a Igreja correria o risco de esfriar, o paradoxo salvífico do Evangelho de atenuar o “sal” da fé diluindo-se num mundo em fase de secularização» (*Evangelica testificatio*, 3).

Convido, portanto, todas as comunidades cristãs e viver este Ano sobretudo para agradecer o Senhor e fazer grata memória dos dons recebidos e que continuamos recebendo por meio da santidade dos Fundadores e das Fundadoras e da fidelidade de tantos consagrados ao próprio carisma. Convido a todos a estreitar-vos em torno das pessoas consagradas, a alegrar-se com elas, a compartilhar as suas dificuldades, a colaborar com elas, na medida do possível, para o prosseguimento do seu ministério e da sua, que são os mesmos de toda a Igreja. Fazei-os sentir o afeto e o calor de todo povo cristão.

Bendigo o Senhor pela feliz coincidência do Ano da Vida Consagrada com o Sínodo sobre a família. Família e vida consagrada são vocações portadoras de riqueza e graça para todos, espaços de humanização na construção de relações vitais, lugares de evangelização. Podem ajudar uns aos outros.

3. Com esta minha carta ousou dirigir-se também às pessoas consagradas e aos membros de fraternidades e comunidades pertencentes a Igrejas de tradições diversas da católica. O monaquismo é um patrimônio da Igreja indivisa, até hoje vivíssimo tanto nas Igrejas ortodoxas quanto na Igreja católica. A essa, como a outras posteriores experiências do tempo em que a Igreja do ocidente era ainda unida, inspiraram-se iniciativas análogas, engendradas o âmbito das comunidades eclesiais da Reforma, as quais depois continuaram a gerar no seu seio ulteriores expressões de comunidades fraternas e de serviço.

A Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica programaram iniciativas para fazer

encontrarem-se os membros pertencentes a experiências de vida consagrada e fraterna das diversas Igrejas. Desejo encorajar fervorosamente estes encontros para que cresça a mútua consciência, a estima, a colaboração recíproca, de tal modo que o ecumenismo da vida consagrada seja de ajuda ao mais amplo caminho em direção à unidade entre todas as Igrejas.

4. Não podemos esquecer, ainda, que o fenômeno do monaquismo e de outras expressões de fraternidade religiosas encontra-se presente em todas as grandes religiões. Não faltam experiências, inclusive consolidadas, de diálogo intermonástico entre a Igreja católica e alluma das grandes tradições religiosas. Desejo que o Ano da Vida Consagrada seja uma ocasião para avaliar o caminho percorrido, para sensibilizar as pessoas consagradas neste campo, para perguntarmo-nos quais passos ulteriores podemos empreender em direção a um recíproco conhecimento, cada vez mais profundo, e para uma colaboração em tantos âmbitos comuns de serviço à vida humana. **Caminhar juntos è sempre um enriquecimento e pode abrir novos camino a relações entre povos e culturas que neste período parecem ásperas de dificuldades.**

5. Enfim, dirijo-me em modo particular aos meus irmãos no episcopado. Seja este Ano uma oportunidade para acolher cordialmente e com alegria a vida consagrada como um capital espiritual que contribui para o bem de todo o Coro de Cristo (cfr *Lumen gentium*, 43) e não só das famílias religiosas. «A vida consagrada é dom à Igreja, cresce na Igreja, è todo orientada à Igreja»[8]. Por isso, enquanto dom à Igreja, não é uma realidade isolada ou marginal, mas pertence intimamente a essa, está no coração mesmo da Igreja como elemento decisivo da sua missão, enquanto exprme a íntima natureza da vocação cristã e a tensão de toda a Igreja Esposa na união com o único Esposo; portanto «pertence ... irremovivelmente à sua vida e à sua santidade» (ibid., 44).

Em tal contexto, convido a vós, Pastores das Igrejas particulares, a uma especial solicitude no sentido de promover

nas vossas comunidades os distintos carismas, sejam aqueles históricos sejam os novos carismas, sustentando, animando, ajudando no discernimento, fazendo-vos vizinhos com ternura e amor às situações de sofrimento e de fraqueza nas quais possam encontrar-se alguns consagrados, e sobretudo iluminando em o vosso ensinamento o povo de Deus sobre o valor da vida consagrada, ao ponto de fazer resplandecer a beleza e a santidade na Igreja.

Confio a Maria, a Virgem da escuta e da contemplação, primeira discípula do seu amado Filho, este Ano da Vida Consagrada. A ela, filha predileta do Pai e revestida de todos os dons de graça, olhemos como modelo insuperável de seguimento no amor a Deus e no serviço ao próximo.

Grato desde já a todos vós pelos dons de graça e de luz com os quais o Senhor quererá enriquecer-me, a todos vos acompanho com a benção apostólica.

Vaticano, 21 de novembro de 2014, Festa da Apresentação da Bem-aventurada Virgem Maria.

Francisco

[1] Lett. ap. Los caminos del Evangelio, ai religiosos e alle religiose dell'America Latina in occasione del V centenario dell'evangelizzazione del nuovo mondo, 29 giugno 1990, 26.

[2] Sacra Congregazione per i Religiosi e gli Istituti Secolari, Religiosi e promozione umana, 12 agosto 1980, 24: L'Osservatore Romano, Suppl. 12 nov. 1980, pp. I-VIII.

[3] Discorso ai rettori e agli alunni dei Pontifici Collegi e Convitti di Roma, 12 maggio 2014.

[4] Omelia nella Festa della Presentazione di Gesù al tempio, 2 febbraio 2013.

[5] Lett. ap. Novo millennio ineunte, 6 gennaio 2001, 43.

[6] Esort. ap. Evangelii gaudium, 24 novembre 2013, 87.

[7] Giovanni Paolo II, Esort. ap. post-sin. Vita consecrata, 25 marzo 1996, 51.

[8] S.E. Mons. J. M. Bergoglio, Intervento al Sinodo sulla vita consacrata e la sua missione nella Chiesa e nel mondo, XVI Congregazione generale, 13 ottobre 1994.




humilitas